

O MISSIONÁRIO

O GRANDE DEUS DO MÊDO, QUE UM MISSIONÁRIO LEVOU PARA A ALDEIA DOS NHAMBIQUARAS, NÃO ESTÁ DEIXANDO QUE ELES CANTEM OU DANCEM. ESTA É UMA DAS TRISTES HISTÓRIAS DA FUNAI.

A PROTEÇÃO

A PROTEÇÃO DA FUNAI AOS ÍNDIOS, NO PÔSTO PIRINEUS DE SOUZA: PRISÃO E TRABALHO. E O QUE ELES RECEBIAM PELO TRABALHO NA PRISÃO: PAULADAS, FACADAS E CHICOTADAS. O PÔSTO, ANTIGAMENTE, ABRIGAVA CENTENAS DE ÍNDIOS; HOJE, SÓ 33.

O DIÁLOGO

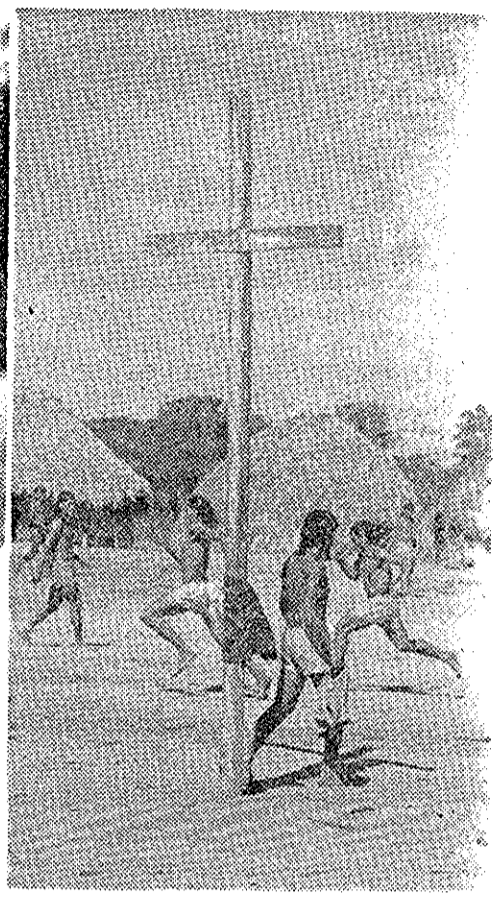
— LEVANTA, CABOCLÓ. (É AFONSO, UM SERTANISTA, FALANDO COM UM ÍNDIO). "CAPITÃO PAULO", O ÍNDIO, NÃO SE MEXE (ELE ESTÁ FERIDO). AFONSO COMEÇA A ATIRAR. E O ÍNDIO JÁ NÃO PODE MEXER-SE.

OS MANDAMENTOS

OS MANDAMENTOS DE PARENTE, O MISSIONÁRIO, PARA OS SEUS ÍNDIOS: 1 — NÃO FAZER FESTA DE INICIAÇÃO AS MULHERES; 2 — NÃO FURAR LÁBIOS E NARIZ; 3 — NÃO DANÇAR; 4 — NÃO CANTAR; 5 — NÃO TOCAR FLAUTAS; 6 — NÃO USAR COLAR OU PULSEIRAS; 7 — NÃO FUMAR.



O que faz a FUNAI com os nossos índios? Nesta segunda e última reportagem falamos de um deus terrível.



DEUS DO MÊDO E DA MORTE, DEUS DA FUNAI

O Deus que os brancos levaram aos Nhambiquaras não trouxe alegria nem salvação, apenas um grande medo que domina os índios: eles acreditam até que o missionário é capaz de matar quem quiser, apelando para seu poderoso Deus, que não conseguem entender nem aceitar. Na aldeia triste, eles recordam o tempo em que podiam cantar em sua língua, tocar a flauta, dançar. Agora tudo é proibido. Os índios nem sabem mais quem são, esquecendo aos poucos sua cultura, sem aprender a dos brancos que trouxeram o grande Deus do medo.

A função de um missionário da FUNAI é trabalhar em benefício do índio. Mas isso nem sempre acontece: num relatório que Hélio Jorge Bucker, Delegado Regional da 5.a DR da FUNAI, recebeu do antropólogo norte-americano P. David Price, em julho do ano passado, está contada a história dos índios Nhambiquara, que vivem a orientação dos missionários da South America Indian Mission. Segundo Price, é uma história triste, mostrando um regime de escravidão.

Um trecho da página 15 desse relatório: "A aldeia do rio Camararé (onde vive grande parte dos Nhambiquaras), em Mato Grosso, é uma das mais infelizes. Lá existe um missionário, Dudley Kinsman, da South America Indian Mission, que é totalmente prejudicial ao bem-estar dos índios".

"O sr. Dudley, conhecido pelo apelido de Parente, tem mais de 20 anos no Brasil, trabalhando entre os Nhambiquara. Outrora, morava perto do Seringal São Jorge, entre os rios Piolho e Pardo. Há oito ou dez anos, mudou-se para o Camararé. Parente é um missionário da velha guarda; ilimitado, intolerante, e quase fanático no seu fervor religioso. Quando a região estava cheia de seringueiros, matando os índios e forçando suas mulheres, Parente lhes deu asilo. Mas, agora, a extração da borracha terminou na região, e a presença de Parente é prejudicial."

O QUE É PROIBIDO

"A aldeia do Camararé é grande justamente porque há muitos índios que fugiram da perseguição de fazendeiros em outros lugares. Isto significa que eles estão lá, não porque gostem de Parente ou de seus ensinamentos, mas porque, de todos os outros lugares da região, a Maloca de Parente era a mais tolerável."

"Temos de admitir que Parente faz comércio com os índios e paga bem os serviços que eles fazem. Mas o estado psicológico dos índios é lamentável: Parente proíbe todos os índios, crentes ou não, de: 1) fazer a festa de iniciação das mulheres; 2) furar o lábio e o nariz dos homens; 3) dançar; 4) cantar na linguagem Nhambiquara; 5) tocar flautas; 6) usar colar ou pulseiras; 7) fumar.

"Pôsto que a maioria dos índios (talvez todos) ainda não aceitou a religião de Parente eles ficam, realmente, sem cultura nenhuma. Nem são índios mais, nem são civilizados. De fato não sabem o que são".

O que mais impressionou Price: Parente domina os in-

dios pelo medo. Um exemplo: recentemente o cacique da aldeia, Saulo, queria casar-se. Parente não aprovou o casamento e disse a Saulo que, se isso acontecesse, Deus o castigaria. Três dias depois do casamento uma cascavel mordeu Saulo e ele morreu.

Os índios só encontraram uma explicação para o caso: Parente mandou um diabo, disfarçado em cobra, para matar Saulo. E o medo tomou conta da aldeia: os índios acham que Parente pode matar qualquer um deles, quando quiser, por meios espirituais.

AS PUNIÇÕES

O relatório descreve também a visita de Jorge Bucker, no ano passado, nos domínios de Parente: "Embora tenha recebido bem o Ilmo. Sr. Diretor da 5.a DR da FUNAI, quando este saiu, Parente disse aos índios que 'ainda que ele parecesse um bom homem, estava sob o poder do diabo'".

No relatório de Price estão também incluídos os fatos que deram origem à punição dos funcionários da FUNAI: Alípio de Moura e Afonso de França (o primeiro removido para o Pôsto Galdino Pimentel; o segundo destituído de suas funções) que trabalhavam no Pôsto Indígena Pirineus de Souza, em Cuiabá. Price conta que "O Pôsto Indígena Pirineus de Souza é uma vergonha para o indigenista profissional: os índios aqui sofreram mais nas mãos dos próprios funcionários do SPI do que os outros Nhambiquara sofreram nas mãos dos seringueiros. Em especial, o último encarregado do Pôsto, Afonso de França, tratou os índios como se fossem prisioneiros de guerra. Sob seu controle, os índios foram mantidos presos no Pôsto, não permitindo que saíssem, sob nenhum pretexto. Foram obrigados a trabalhar em empresas nas quais o sr. Afonso obteve lucros".

O que os índios recebiam em troca: pauladas, facadas, chicotadas.

O poder de Afonso de França foi conquistado há cerca de quinze anos, depois de ele ter assassinado friamente o cacique da aldeia — tãwan-tê — conhecido como capitão Paulo. A história é esta: "Irritado com as atitudes de Afonso, o capitão Paulo não aguentou mais e saiu do Pôsto, acompanhado de todos os índios. Afonso foi a Campos Novos, onde naquela época tinha um seringal, e recrutou uma turma para ir atrás dos índios: Afonso, Faustino (seu genro), Alípio (encarregado das roças do Pôsto), e os pistoleiros Alexandre, Geraldo e João. Na região chamada Banda de Vilhena, Geraldo atirou no capitão Paulo. Ferido, ele caiu. Afonso apontou sua pistola para ele e falou: 'Levanta cabo-cló'. Capitão Paulo não se mexeu: Afonso atirou até vê-lo morto. Pouco depois, Faustino, o genro de Afonso, abriu um seringal. Afonso lhe deu de presente mais de 50 índios, como escravos. Pouco a pouco o

número de índios no Pôsto diminuiu. Obrigados a trabalhar mesmo doentes, recebiam apenas remédios ou injeções aplicadas com agulhas enferrujadas. Nessa época havia centenas de índios no Pôsto; agora, há somente 33".

Em virtude desse relatório, Hélio Jorge Bucker enviou ao chefe da South America Indian Mission o ofício de número 169/69, determinando que os missionários Dudley Kinsman (o Parente), Donald Grump e Harris Gregory (conhecido também por Jorge), não entrassem mais em contato com populações indígenas subordinadas à sua Delegacia (5.a DR), sob pena de serem cassadas as demais autorizações a outros missionários daquela organização.

No dia 26 de dezembro do ano passado, quando exercia a presidência da FUNAI, José Maria da Gama Malcher enviou ao ministro Costa Cavalcanti o ofício 616/69, historiando os fatos comprovados pelo antro-

pólogo David Price e pela 5.a Delegacia Regional da FUNAI. A resposta do ministro — de próprio punho — no dia 14 de janeiro deste ano: "Ao presidente da FUNAI. 1) Não vejo motivo para suspensão dos missionários; por isso determino, com urgência, que ela seja tornada sem efeito. 2) Não há razão, portanto, para qualquer comissão de sindicância que não deve ser constituída. Em 14-01-70 — José Costa Cavalcanti — Ministro".

O caso mais triste e que consta de um outro relatório — o do professor Lehel de Silimon, que fez um levantamento da vida dos índios Xavantes, orientados pelos padres salesianos de São Marcos — é contado pelo capitão dos Xavantes de Areões, em Barra das Garças, Adão Saá Mri: uma criança índia foi costurada em um saco pelo padre salesiano Mário e esquecida até morrer. O motivo do castigo: a criança não queria estudar.



OS TIROS DO PADRE

Os salesianos dominam toda a região de Barra das Garças, fornecem energia elétrica para vários fazendeiros em troca de terras. Um deles, Octacílio Tomlin, acusado de atirar em índios, fez a sua defesa ao professor Lehen Silimon: "Atirei, sim: mas nos cachorros que alguns índios jovens atiravam contra uma rede de minha fazenda. Atirei, e disse que ia contar tudo ao padre Mário. Os índios riram e responderam que não ia adiantar nada porque fora o próprio padre Mário que mandara jogar a rede na ribanceira para criar um caso com os fazendeiros, fazê-los sair da região, e, assim, alargar a terra de caça dos Xavantes".

Meses depois, chamado a depor perante uma comissão de sindicância, padre Mário negou tudo: disse que era inocente como todos os outros padres salesianos — pacificadores e encarregados de integrar os índios à civilização.

A GUERRA DOS GAVIÕES

Segundo todas as denúncias de Gama Malcher, a FUNAI e os índios nunca entraram num acordo. Mais um exemplo: em princípios do ano passado, uma empresa de engenharia iniciou a abertura de uma estrada na região da cabeceira do rio Frades, na divisa com os Estados do Maranhão, Pará e Goiás. As obras foram interrompidas pelo aparecimento dos índios Gaviões. A FUNAI interveio, enviando para lá o sertanista Cotrim: ele deveria pacificar os índios. Isso não aconteceu. Resultado: um choque entre in-

dios e brancos, a morte de dois moradores da cidade de Imperatriz, situada a poucos quilômetros das obras, e de dezenas de índios. A FUNAI voltou a agir. Mais uma vez o sertanista Cotrim entrou em ação com uma nova incumbência: retirar os índios daquela região e levá-los para a reserva indígena do Pôsto Mãe Marla, no Nordeste do Paraná. Feito isto, a FUNAI entregou as terras, antes ocupadas pelos índios, às mesmas pessoas que invadiram a área em busca de castanha e borracha.

No ano passado, um grupo econômico de São Paulo, atraído pelos incentivos fiscais da SUDAM, quis implantar uma indústria às margens do rio Suiá-Miçu, afluente da margem direita do Xingu. Lá encontraram um obstáculo: 200 índios Xavantes. A FUNAI não se interessou em resolver o problema, ao contrário dos missionários do Pôsto de São Marcos, que levaram para o pôsto os 200 índios. Esse ex-aldeamento dos Xavantes é hoje uma próspera fazenda. Foi nela que o ministro Costa Cavalcanti passou, tranquilamente, a Semana Santa, em maio deste ano.

E dos 200 Xavantes que moravam no Suiá-Miçu restam pouco mais de 100. Os outros morreram. Por quê? Os padres do Pôsto de São Marcos não sabem responder a esta pergunta.

